

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMÉRCIO INTERNACIONAL**

RENATO FERREIRA MARCONDES DE OLIVEIRA

**ADAPTAÇÃO CULTURAL DE ATLETAS DE JIU-JITSU EM COMPETIÇÕES NO
EXTERIOR**

CAXIAS DO SUL

2019

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

RENATO FERREIRA MARCONDES DE OLIVEIRA

**ADAPTAÇÃO CULTURAL DE ATLETAS DE JIU-JITSU EM COMPETIÇÕES NO
EXTERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Caxias do Sul como requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharel em
Comércio Internacional.
Orientador: Prof. Dr. Roberto Birch Gonçalves

CAXIAS DO SUL

2019

RESUMO

O presente trabalho pretende explorar as dificuldades enfrentadas pelos atletas brasileiros de Jiu-Jítsu em competições fora do país, esporte que vem cada vez mais ganhando popularidade no Brasil, contando hoje com 2,5 milhões de praticantes no país, dos quais muitos de seus adeptos participam de competições de nível nacional e mundial, tendo que deslocar-se para fora do país enfrentando as mais diversas dificuldades para serem reconhecidos como campeões mundiais. Com isso, o estudo sobre o esporte e a análise da adaptação cultural dos atletas brasileiros de Jiu-Jítsu no Campeonato Mundial de Jiu-Jítsu na Califórnia, Estados Unidos da América pode mostrar quais são as maiores dificuldades e quais pontos devem ser levados em conta para uma preparação assertiva em relação aos competidores que enfrentam essa adaptação em competições no exterior. Explicará a criação e a história do esporte, sua disseminação pelo Brasil e pelo mundo, a relevância do Campeonato Mundial que acontece anualmente na Califórnia nos EUA, campeonato escolhido para esse estudo considerando sua relevância para o esporte, e quais as dificuldades que os atletas brasileiros enfrentam para competir este campeonato, apresentado através estudo exploratório conduzido a partir de um questionário qualitativo, aplicado em forma de entrevistas individuais, com um grupo de seis atletas de Jiu-Jítsu, brasileiros. Como resultado a maior fraqueza percebida entre os atletas é o não domínio do idioma, fator que pode ter grande impacto na adaptação, pela dificuldade na troca de conhecimento, assim como no rendimento do atleta no exterior, por restringir acesso a recursos necessários para sua preparação, como uma alimentação saudável.

Palavras-chave: CBJJ. IBJJF. CAMPEONATO MUNDIAL 2019. CALIFÓRNIA, EUA.

ABSTRACT

This paper aims to explore the difficulties faced by Brazilian Jiu-Jitsu athletes in competitions abroad, a sport that is increasingly gaining popularity in Brazil, with 2.5 million practitioners in the country, many of its practitioners participate in competitions of national and world level, having to travel abroad facing the most diverse difficulties to be recognized as a world champions. Thus, the study of the sport and the analysis of the cultural adaptation of Brazilian Jiu-Jitsu athletes at the Jiu-Jitsu World Championship in California, United States can show which are the biggest difficulties and which points should be taken into account for an assertive preparation for those competitors that faces this adaptation in competitions abroad. It will explain the creation and history of the sport, its dissemination in Brazil and around the world, the relevance of the World Championship held annually in California in the USA, the championship chosen for this study considering its relevance to the sport, and what are the difficulties that Brazilian athletes face to compete this championship, presented through an exploratory study conducted from a qualitative questionnaire, applied in the form of individual interviews, with a group of six Brazilian Jiu-Jitsu athletes. As a result, the most perceived weakness among the athletes is the non-fluency of the language, a factor that can have a major impact on adaptation, for its difficulty to exchange knowledge, as well as on the athlete's performance abroad, as it might restrict access to necessary resources, like healthy eating.

Keywords: CBJJ. IBJJF. WORLD CHAMPIONSHIP 2019. CALIFORNIA, USA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Faixas de Praticantes entre 04 a 15 anos	13
Figura 2 - Faixas de Praticantes a partir dos 16 anos	14
Figura 3 - Idades mínimas para Evolução de Faixas	14
Figura 4 - Sistema Geral de Graduação IBJJF	15
Figura 5 – Gráfico de Curva U	20
Figura 6 – Gráfico de atletas aptos a interagir com culturas diferentes	27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela de Pontuação	16
Tabela 2 - Tabela de Categorias por Peso	17
Tabela 3 - Tabela de Tempos de luta por Categoria	18
Tabela 4 – Média dos valores de habilidade comportamental	28
Tabela 5 – Média dos valores dos fatores motivacionais.....	28
Tabela 6 – Média dos valores de maus tratos percebido pelos atletas	29

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBJJ	CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JIU-JITSU
IBJJF	INTERNATIONAL BRAZILIAN JIU JITSU FEDERATION
TCU	TEORIA DA CURVA U

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	7
1.2 OBJETIVOS	8
1.2.1 Objetivo geral	8
1.2.2 Objetivos específicos	8
1.3 JUSTIFICATIVA	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 O JIU-JITSU NO BRASIL E NO MUNDO.....	9
2.1.1 CBJJ e IBJJF	12
2.1.2 Campeonato Brasileiro CBJJ	19
2.1.3 Campeonato Mundial de Jiu-Jitsu IBJJF	19
2.2 ADAPTAÇÃO CULTURAL	19
3 MÉTODO	24
3.1 Participantes.....	25
3.2 Coleta de dados.....	25
3.3 Análise de dados	25
4 RESULTADOS	27
5 CONCLUSÃO	31
5.1 Limitações e sugestões de estudos futuros	32
6 REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho serão abordados desde a influência que o Jiu-Jítsu teve ao chegar ao Brasil pela família Gracie, fundadores da arte no país e disseminadores da arte pelo mundo, até a sua chegada e aceitação em outros países; serão estudadas desde a origem da arte, até sua popularização em outros continentes. Serão analisados estudos de adaptação cultural para se entender os processos que um indivíduo deve passar em sua adaptação quando vai para outro país. O propósito deste estudo é mostrar os aspectos culturais, filosóficos, estratégicos e técnicos que fizeram essa arte estar presente praticamente em todos os continentes e mostrar as dificuldades enfrentadas por um atleta para poder ir competir no exterior com o intuito de evidenciar estratégias a serem tomadas por atletas e seus preparadores antes de irem em uma competição fora do país. Para isso serão utilizados estudos e processos de adaptação cultural de um indivíduo e levará como base para interpretação de dados estudos que mostram os processos e as fases de adaptação no exterior. É possível identificar o choque cultural em curto período de adaptação cultural?

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

As dificuldades enfrentadas pelos atletas brasileiros de Jiu-Jitsu ao irem competir o Campeonato Mundial de Jiu-Jitsu que acontece na Califórnia pela IBJJF e que ocorre anualmente no mês de maio para Adultos (categoria a partir dos 18 anos, sem limite máximo de idade), sendo o campeonato de maior visibilidade e reconhecimento no esporte existente na atualidade.

Será utilizado um grupo de 6 atletas da região de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, com idades entre 16 e 33 anos, do sexo masculino, atletas da academia JÁ Jiu-Jitsu, localizada na cidade de Caxias do Sul, todos confederados pela Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu, entidade brasileira da confederação internacional IBJJF, e que participaram do Campeonato Mundial na Califórnia.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Analisar a adaptação cultural dos atletas brasileiros de Jiu-Jitsu no Campeonato Mundial de Jiu-Jitsu na Califórnia, Estados Unidos da América.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos atletas adultos em competições no exterior.
- b) Analisar os resultados obtidos de modo que os dados possam servir de base para preparação de competidores desse esporte.
- c) Mostrar, através dos dados coletados das entrevistas com os atletas, se é possível identificar o choque cultural no período em que estes atletas estavam no país da competição em estudo.

1.3 JUSTIFICATIVA

O Jiu-Jitsu Brasileiro vem cada vez mais ganhando popularidade no Brasil, contando hoje com 2,5 milhões de praticantes no país, segundo pesquisa divulgada pelo Ministério da Saúde em 2018, dos quais muitos de seus adeptos participam de competições de nível nacional e mundial, tendo que deslocar-se para fora do país enfrentando as mais diversas dificuldades para serem reconhecidos como campeões mundiais. Com isso, este estudo sobre o esporte e a análise da adaptação desses atletas pode mostrar quais são as maiores dificuldades e quais pontos devem ser levados em conta para uma preparação assertiva em relação aos competidores que enfrentam essa adaptação em competições no exterior.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O JIU-JITSU NO BRASIL E NO MUNDO

Jiu-Jitsu é uma arte marcial, um esporte que para sua prática se faz o uso de Kimono (GI) e de faixas, muito similar ao popular Judô, é também praticado sem o uso do Kimono (No Gi), este sendo praticado como um estilo de defesa pessoal. Ambos os estilos são praticados por profissionais, em competições, assim como por atletas amadores nas academias da arte.

Segundo a CBJJ (Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu) 2019, a arte nasceu na Índia, praticada pelos monges Budistas, onde criaram uma arte com sistema e princípios de alavanca e equilíbrio, para que assim não dependessem do uso de forças e de armas, foi assim criado então o Jiu-Jitsu (“Arte Suave”, em japonês). Com a expansão da religião budista, o Jiu-Jitsu se espalhou pelo sudeste da Ásia, para a China e consecutivamente para o Japão, onde se desenvolveu e ganhou ainda mais popularidade.

Após muita busca em materiais sobre a história do esporte, identificar com precisão o início do Jiu-Jitsu pode parecer algo simples, mas o que dificulta é o fato de muitas das referências terem uma ênfase mais para o lado técnico do esporte, voltado para a prática da modalidade do que precisamente o processo de desenvolvimento desta arte desde o seu embrião, tipo de pesquisa desenvolvida por poucos até então.

Segundo Green (2008) o Jiu-Jitsu tem origens japonesas, tendo o Judô Kodokan como raiz da arte. Até 1892, os Asiáticos não podiam se estabelecer no Brasil, tendo o primeiro barco migratório chegado apenas em 1908. No início do século XX, o Brasil teve um grande “boom” econômico devido à produção de borracha natural do látex, produto nativo da Amazônia, com isso, muitos “animadores”, como boxeadores e lutadores, atraídos pelo dinheiro, chegavam a cidades como Belém de Manaus e, em 1914, um destes recém-chegados era Mitsuyo Maeda Koma (1878-1941).

Green (2008) conta que Maeda havia considerado primeiramente a carreira profissional de Sumô, mas por sua baixa estatura (1,65m), não alcançava os padrões necessários, com isso, foi para o judô Kodokan no colégio e, posteriormente, na faculdade. Após a graduação, conseguiu um emprego para dar aulas de judô em uma escola de ensino médio no Japão, mas ao invés de seguir, Maeda decidiu abandonar as aulas de judô em seu país de origem e se mudar para os Estados Unidos da América.

Ao chegar nos EUA, Maeda deu aulas de judô em universidades, nas Forças Armadas e em clubes, mas pelo fato de as aulas não pagarem muito, decidiu virar lutador profissional. Entre

1906 a 1908 ele lutou e deu aulas de judô na Inglaterra e Escócia, realizando viagens pela Europa financiadas por suas lutas. Entre 1908 a 1913 esteve em Cuba e México, ainda ensinando judô e se sustentando através de suas lutas.

Em novembro de 1914 o judoca veio ao Brasil, onde seguiu com suas lutas profissionais e ensino de judô, foi quando conheceu o então jovem Carlos Gracie (1902-1994), que virou um de seus alunos. Nessa época, Maeda era associado do Circo Queirolo, dos irmãos Queirolo, um circo Italiano-Argentino operado no Brasil onde ele realizava suas lutas, o qual o pai de Carlos, Gastão Gracie (1872-1955), também era associado e levou seu filho mais velho, Carlos, para aprender a arte com o mestre japonês.

Segundo o site da confederação, para Carlos Gracie, um jovem naturalmente frágil de 15 anos, o Jiu-Jitsu tornou-se não apenas um método de luta, mas como algo para seu aperfeiçoamento pessoal. Com 19 anos ele já estava no Rio de Janeiro com sua família ensinando a arte. Carlos realizava viagens ensinando e também provando a eficiência da luta enfrentando oponentes fisicamente mais fortes, em 1925 ele abriu a sua primeira escola, Academia Gracie de Jiu-Jitsu, no Rio de Janeiro. Green (2008) conta que Carlos tinha seus irmãos Oswaldo (1903-1943), George (1905-1985), Gastão Jr. (1906-1965), e Hélio (1912-2009) como seus assistentes, e que a escola de Jiu-Jitsu era um sucesso comercial, não somente por os Gracies serem lutadores mas também pelo fato de serem pessoas de negócios e terem conexões com a política, o autor usa como exemplo um dos primeiros estudantes de sua escola, Oscar Santa Maria Pereira (1901-1961), que se tornou Ministro das Finanças do Brasil. Durante as próximas décadas os Gracies foram abrindo academias em Belo Horizonte nos anos 20, em São Paulo nos anos 30, Fortaleza nos anos 40 e Bahia nos anos 50.

A partir daí, Carlos começou a compartilhar seus conhecimentos da arte com seus irmãos, assim adaptando as técnicas às características mais fracas de sua família, compartilhava também suas filosofias de vida assim como seus conceitos de alimentação natural, com isso Carlos foi o pioneiro na criação de uma dieta para atletas, “a dieta Gracie”, o que fez com que o Jiu-Jitsu ficasse conhecido como sinônimo de saúde.

Ainda segundo o site da confederação, Carlos além de ter criado esse eficiente sistema de defesa pessoal ele conseguiu, através da arte, uma maneira de se tornar uma pessoa “mais tolerante, respeitosa e autoconfiante”. Tendo o objetivo de mostrar a superioridade de sua arte, Carlos desafiou os maiores lutadores da época, conseguindo também fazer a carreira de lutas de seus irmãos, em que lutaram e derrotaram oponentes cinquenta ou sessenta quilos mais pesados, assim, a família Gracie iniciava seu reconhecimento e prestígio.

A história da disseminação do Gracie Jiu-Jitsu não pode desconsiderar os fatores político sociais da época como nos mostra Green (2008), pois no início dos anos 1930, com uma crise de desempregos que se instaurava no Brasil, o governo começou a impor leis que proibiam a imigração japonesa, fato que se estendeu pela Segunda Guerra Mundial, visto que, em agosto de 1942, o Brasil se aliou aos EUA. Nesse período, as escolas de língua japonesa no país foram fechadas e os líderes de comunidades japonesa foram internados como pessoas mentalmente insanas. Em agosto de 1945, os japoneses se renderam e em outubro do mesmo ano o governo de Getúlio Vargas se encerrava. Logo no início dos anos 1950 a imigração japonesa foi retomada no Brasil, esses imigrantes trouxeram outras artes marciais com eles, mas para eles o *Brazilian* Jiu-Jitsu era uma arte marcial estrangeira, o que fez diferenciar ainda mais o Jiu-Jitsu da família Gracie do Judô Kodokan, ensinado pelo mestre Maeda à família Gracie.

Com essa disseminação do Jiu-Jitsu no Brasil, muitos praticantes japoneses vieram para o Rio de Janeiro tentar abrir mercado, mas nenhum obteve tamanho sucesso quanto os Gracies, que haviam criado um novo estilo da arte, diferente do praticado no Japão, focado em quedas e arremessos, os Gracies tinham um Jiu Jitsu mais sofisticado com técnicas de imobilização e finalização, técnicas tão diferentes das conhecidas pelos japoneses a arte desenvolvida pela família Gracie ficou conhecido no mundo pelo Gracie Jiu-Jitsu ou então o famoso *Brazilian* Jiu-Jitsu.

Em seu livro, Green (2008) conta, também, que durante a crise do óleo no Brasil (entre 1973 e 1974), Carley Gracie (1949-; décimo primeiro filho de Carlos Gracie) e seu primo Rorion Gracie (1952-; filho mais velho de Hélio Gracie) migraram para Califórnia, nos EUA, onde aplicaram o modelo de negócio que tinham no Brasil para abrirem suas escolas de artes marciais e viram que funcionava igualmente bem. Em 1986, Rorion Gracie, filho de Hélio, que na época estava morando em Torrance, na Califórnia, foi escolhido para ser coreógrafo de luta em um filme de Mel Gibson *Lethal Weapon* (Warner Brothers, 1987). Além disso, um artigo publicado na revista *Playboy* de 1989 destacava o Gracie como o homem mais “durão” do oeste americano. Estes dois eventos colocaram os Gracies em contato com pessoas de publicidade na Califórnia, ajudando ainda mais na popularização da arte.

A confederação nos conta também, que Carlos Gracie Jr. criou um órgão oficial para supervisionar e administrar o esporte, assim como as regras de competição e sua classificação. O esporte conta com a Federação Internacional e a Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu, ambas fundadas pelo mestre Carlos Gracie Jr., filho do criador da arte no Brasil, Carlos Gracie. Atualmente, as associações realizam competições no Brasil, nos Estados Unidos da América, na

Europa e na Ásia, tendo como principais campeonatos, na atualidade, o Campeonato Brasileiro, o Campeonato Europeu e com o maior destaque o Campeonato Mundial.

Em entrevista para o canal do YouTube, Estilo Radical (2008), Carley Gracie conta que, ao chegar nos Estados Unidos, pessoas perguntavam qual era o Jiu-Jitsu dele, e pelo fato de ele somente conhecer por Jiu-Jitsu, acabou dando o nome de Gracie Jiu-Jitsu, o qual enfatizou os nomes dos criadores da arte, porém Carley nos conta nessa entrevista que Rorion Gracie, seu primo, registrou o nome Gracie Jiu-Jitsu, logo, ninguém mais poderia utilizar este nome por conta dos direitos concebido por Rorion, foi então que o esporte se popularizou por *Brazilian Jiu-Jitsu*.

2.1.1 CBJJ e IBJJF

A Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu (CBJJ) é um órgão criado pelo mestre Carlos Gracie Jr., em 1994, assim como a Federação Internacional de Jiu-Jitsu (IBJJF), com o intuito de difundir, organizar o Jiu-Jitsu Esportivo e regulamentar a forma como o esporte é praticado no país e pelo mundo (CBJJ, 2013). Hoje, seu regulamento está consolidado tanto no Brasil quanto no mundo, tendo uma comunicação imediata através de suas páginas para que qualquer mudança na regulamentação seja comunicada e colocada em prática por todos os praticantes ao mesmo tempo, mantendo a padronização do *Brazilian Jiu-Jitsu*.

A CBJJ é responsável pelos maiores e mais importantes campeonatos do país, como o Campeonato Brasileiro, que atrai competidores de todas as faixas e idades. A confederação, junto à IBJJF, organiza também o evento de maior credibilidade na atualidade entre os praticantes do esporte, o Campeonato Mundial de Jiu-Jitsu, que acontece nos Estados Unidos da América anualmente, atraindo os maiores nomes do esporte ao redor do mundo.

A entidade se empenha na uniformização das regras para os modelos de competição assim como regulamenta e organiza a forma como as graduações são feitas utilizando o Sistema Geral de Graduação (IBJJF, 2015) para preservar a integridade da arte e permitir que todos os professores e seus praticantes tenham parâmetros bem definidos para medir a evolução técnica de cada atleta, assim estabelecendo um padrão mundial para as graduações no esporte. O Sistema de Graduação vem sofrendo alterações com o tempo, de acordo com as necessidades apresentadas ao decorrer dos anos, para assim tornar mais fácil, atrativa e satisfatória a prática do esporte, tanto para os professores quanto para seus praticantes.

O Sistema de Graduação para os praticantes de 04 a 15 anos separa os jovens atletas por cores de faixas, são elas: cinza, amarela, laranja e verde, conforme Figura 1, proporcionando

graduações mais frequentes para, assim, estimular a prática do Jiu-Jitsu com o avanço constante. Para marcar o tempo de prática em cada faixa pode-se fazer a graduação mensal, trimestral ou quadrimestral, ficando a critério do professor, respeitando as respectivas idades mínimas: Branca, qualquer idade; Grupo Cinza, de 4 a 15 anos; Grupo Amarelo de 7 a 15 anos; Grupo Laranja, de 10 a 15 anos e Grupo Verde, de 13 a 15 anos.

Figura 1 – Faixas de praticantes entre 04 e 15 anos

Faixas de praticantes entre 04 e 15 anos	
1. Branca	
2. Cinza e branca	
3. Cinza	
4. Cinza e preta	
5. Amarela e branca	
6. Amarela	
7. Amarela e preta	
8. Laranja e branca	
9. Laranja	
10. Laranja e preta	
11. Verde e branca	
12. Verde	
13. Verde e preta	

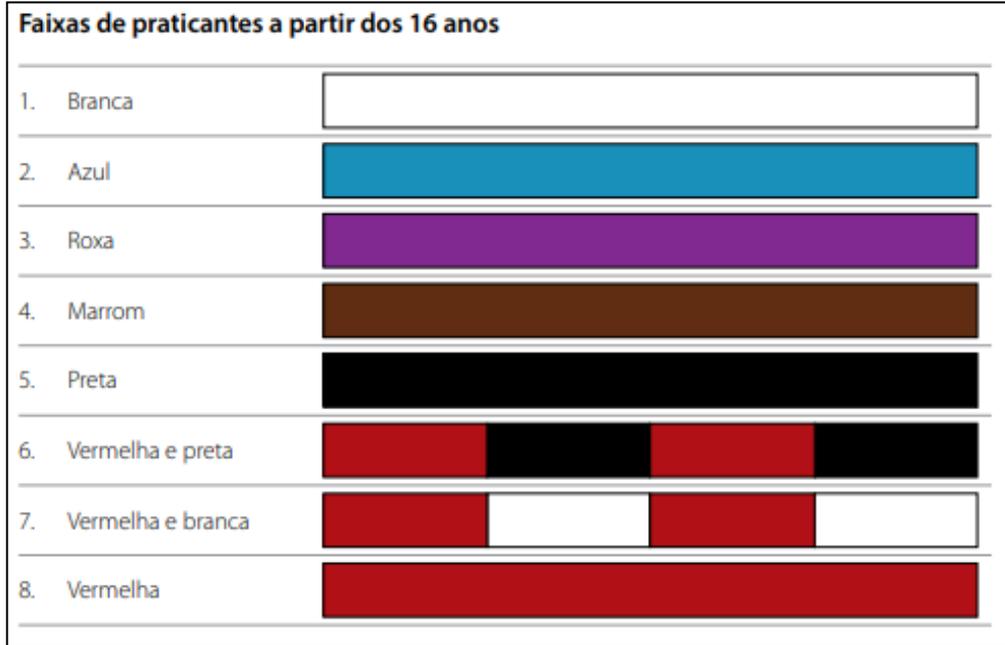
Fonte: Sistema Geral de Graduação, IBJJF, 2015.

Já para praticantes a partir dos 16 anos, são utilizadas as cores de faixas: branca, azul, roxa, marrom, preta, vermelha e preta, vermelha e branca e, por último a vermelha, conforme Figura 2. O período e frequência das graduações para marcar o tempo em que cada praticante ficará em cada faixa fica a critério de cada professor, respeitando as respectivas idades mínimas: Branca, qualquer idade; Azul, 16 anos ou mais; Roxa, 16 anos ou mais; Marrom, 18 anos ou mais; Preta, 19 anos ou mais; Vermelha e preta, 50 anos ou mais; Vermelha e branca, 57 anos ou mais e Vermelha, 67 anos ou mais.

No ano em que o atleta completa 16 anos é promovido para a graduação de acordo com a Figura 2, sendo promovido da seguinte forma: Branca, mantém-se na branca; Cinza, amarela

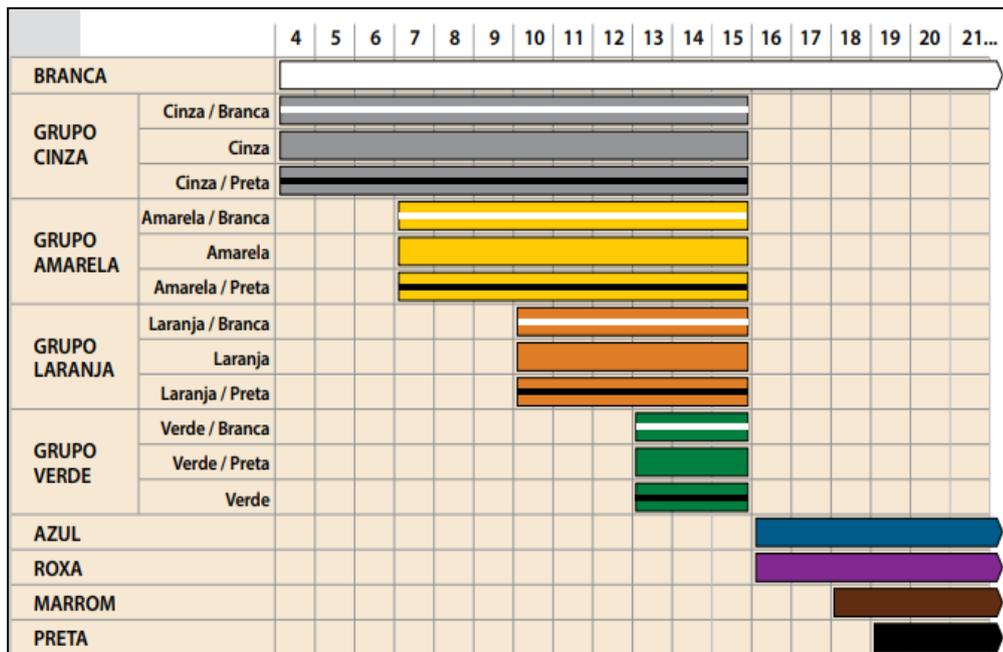
e laranja, torna-se azul; Verde, torna-se azul ou roxa, de acordo com a decisão do professor. Pode visualizar melhor as idades mínimas de cada faixa na Figura 3.

Figura 2 – Faixas de Praticantes a partir dos 16 anos



Fonte: Sistema Geral de Graduação, IBJJF, 2015.

Figura 3 – Idades mínimas para Evolução de Faixas



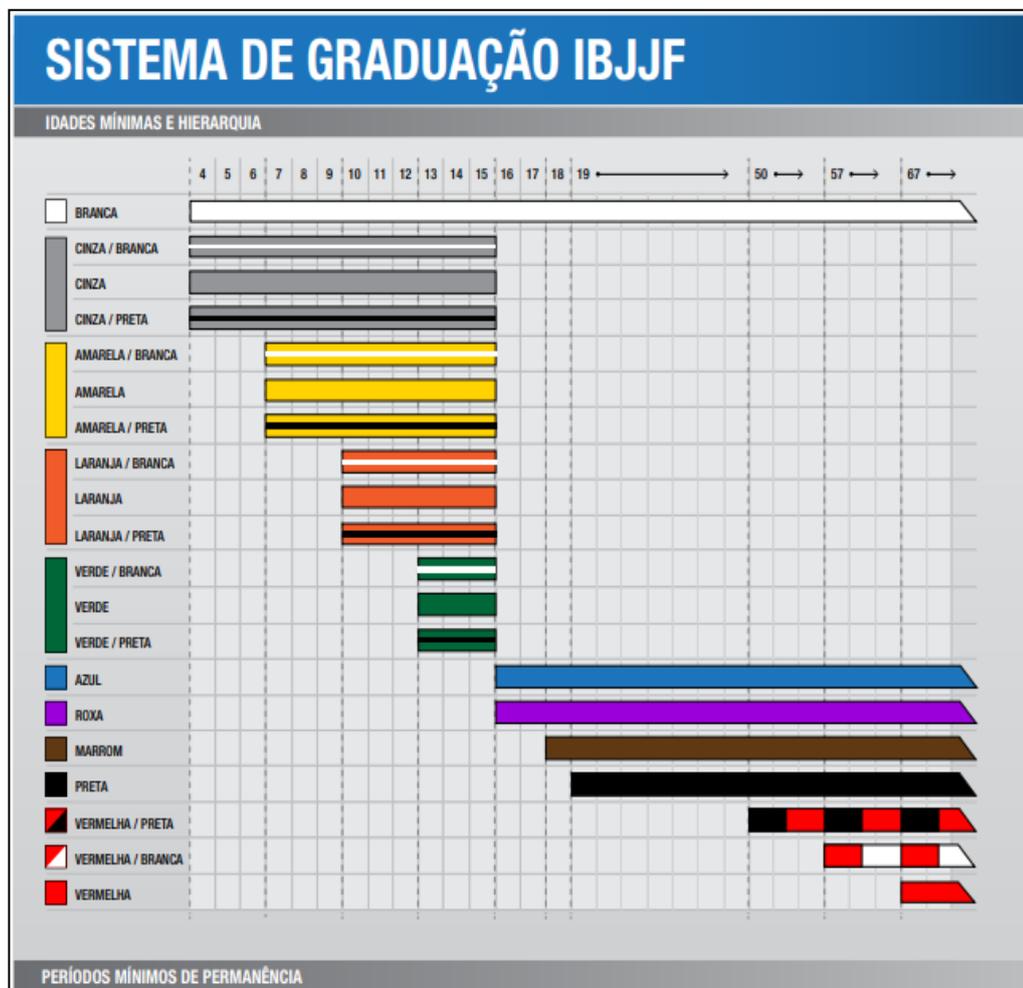
Fonte: Sistema Geral de Graduação, IBJJF, 2015.

Conforme o Sistema Geral de Graduação, deve se respeitar o tempo mínimo de cada faixa, da seguinte forma:

- a) Praticantes de 16 e 17 anos: Branca, não há tempo mínimo; Azul, não há tempo mínimo; Roxa, 2 (dois) anos;
- b) Praticantes a partir dos 18 anos da faixa branca à marrom: Branca, não há tempo mínimo; Azul, 2 (dois) anos; Roxa, 1 (um) ano e meio; Marrom, 1 (um) ano;
- c) Praticantes a partir da faixa preta: Preta, 31 anos; Vermelha e preta, 7 anos; Vermelha e branca, 10 anos; Vermelha, indefinido.

Na Figura 4, consegue-se visualizar o período mínimo de permanência de todas as faixas, assim como suas respectivas idades mínimas e hierarquia.

Figura 4 – Sistema de Graduação IBJJF



Fonte: IBJJF, 2015.

Conforme o Sistema Geral de Graduação, os períodos citados a partir da faixa preta são fixos e não mínimos, determinando assim quanto tempo cada praticante deve permanecer na faixa.

A divisão de graus, que se usa para marcar o tempo que o atleta se encontra na faixa, se aplica da seguinte forma: Branca, Azul, Roxa e Marrom são divididas em faixa lisa e mais 4 (quatro) graus, a faixa Preta é dividida em faixa lisa e mais 6 (seis) graus, a faixa Vermelha e Preta representa o sétimo grau da faixa-preta, a faixa Vermelha e Branca representa o oitavo grau da faixa-preta, e a faixa Vermelha representa o nono e o décimo grau da faixa-preta. Lembrando que, até a faixa-marrom, a adoção do sistema de graus fica a critério de cada professor. Da faixa-preta em diante é obrigatória a adoção do sistema de graus definido pela IBJJF (IBJJF, 2015).

Com o intuito de organizar e padronizar as competições ao redor do mundo, a Federação dispõe do Livro de Regras (IBJJF, 2018) para, além de preservar a integridade do esporte, preservar a integridade física dos atletas e unificar a forma como estes são classificados e avaliados nas competições. Basicamente os atletas pontuam de acordo com as posições que chegam a um grau de evolução, conforme Tabela 1, podendo também receber vantagem por chegarem à posição, mas não conseguirem estabilizar por 3 segundos na mesma ou então podem receber punições por executarem algum movimento ou ação proibida pelo regulamento da Federação.

Tabela 1 – Tabela de Pontuação

04 PONTOS	03 PONTOS	02 PONTOS
Montada		Queda
Montada pelas costas	Passagem de guarda	Raspagem
Pegada pelas costas		Joelho na barriga

Fonte: IBJJF, 2018.

A montada, montada pelas costas e pegada pelas costas são posições de dominação, por isso a pontuação é maior; a passagem de guarda será um passo antes da posição de dominação, já a queda e a raspagem são posições onde você projeta o oponente ao solo e busca avançar na posição, podendo estabilizar com o joelho na barriga ou avançar para uma posição de dominação ou uma submissão, em que o oponente para declarar a derrota irá dar 3 “tapinhas” no tatame ou no oponente para comunicar a sua desistência da luta.

Visando a integridade física dos competidores de todas as idades, alguns golpes são proibidos até uma idade mínima, assim como alguns outros golpes são proibidos para todas as idades, conforme listado no livro de regras da IBJJF, segue:

- Todos os golpes mencionados abaixo são proibidos para idades entre 4 a 12 anos;
- A partir dos 13 até os 15 anos, fica permitido: Posição de finalização forçando a abertura da virilha;
- Entre 16 e 17 anos (todas as faixas) e faixa branca (adulto a *master* 7), fica permitido: Estrangulamento que force a cervical, Chave de pé reta, Estrangulamento utilizando a

manga do kimono (Ezequiel), Gravata técnica de frente, Omoplata Triângulo (puxando a cabeça) e Triângulo de mão;

- Adulto a *Master 7* (azul e roxa): Chave que pressione as costelas ou os rins dentro da guarda fechada, Mão de Vaca, *Single leg* com a cabeça para fora;
- Adulto a *Master 7* (marrom e preta): Chave de bíceps, Chave de panturrilha; *Leg lock* (chave de joelho reta), Mata-leão no pé;
- Proibido para todas as faixas e categorias: Bate estaca, Chave de cervical, Chave de calcanhar, Chave que torça o joelho, Cruzada de perna, Queda-tesoura; na Chave de pé reta, girar na direção do pé que não está sendo atacado; no Mata-leão no pé, aplicar a pressão para o lado externo do pé, torcer os dedos para trás, segurar na faixa do adversário e projetá-lo de cabeça ao solo enquanto se defende de um *Single Leg* com a cabeça para fora; Suplex derrubando o adversário de cabeça ou pescoço ao solo.

O livro de regras também mostra que os atletas podem ser punidos, não somente por faltas técnicas, mas também por faltas disciplinares.

Há uma exigência quanto às medidas de tamanho tanto quanto a rigidez do kimono utilizado, que devem ser confeccionados em algodão ou tecido similar, para evitar qualquer material que possa machucar o oponente e manter um padrão quanto a igualdade de competitividade entre os atletas, os kimonos podem ser utilizados somente nas cores branco, azul e preto, não podendo mesclar as cores entre paletó e calça. Na categoria feminina é obrigatório o uso de camisa de tecido elástico por baixo do kimono.

Os kimonos não podem, de maneira alguma, apresentar remendos, rasgos, odores desagradáveis ou estarem molhados ou sujos, os mesmos são verificados por um fiscal antes de cada luta. Todos atletas devem se pesar com kimono antes da sua primeira luta, para confirmar que o atleta não excedeu o peso de sua categoria, conforme Tabela 2.

Tabela 2 – Tabela de Categorias por Peso

DIVISÕES DE PESO		JUVENIL	ADULTO E MASTER	ADULTO E MASTER2	JUVENIL3
		MASCULINO	MASCULINO	FEMININO	FEMININO
GALO	PESO MÁX.	53,50 kg	57,50 kg		
PLUMA	PESO MÁX.	58,50 kg	64,00 kg	53,50 kg	48,30 kg
PENA	PESO MÁX.	64,00 kg	70,00 kg	58,50 kg	52,50 kg
LEVE	PESO MÁX.	69,00 kg	76,00 kg	64,00 kg	56,50 kg
MÉDIO	PESO MÁX.	74,00 kg	82,30 kg	69,00 kg	60,50 kg
MEIO-PESADO	PESO MÁX.	79,30 kg	88,30 kg	74,00 kg	65,00 kg
PESADO	PESO MÁX.	84,30 kg	94,30 kg	sem peso máximo	sem peso máximo
SUPER PESADO	PESO MÁX.	89,30 kg	100,50 kg		
PESADÍSSIMO	PESO MÁX.	sem peso máximo	sem peso máximo		
ABSOLUTO	PESO MÁX.	sem peso máximo	sem peso máximo	sem peso máximo	sem peso máximo

Fonte: IBJJF, 2018.

Aspectos quanto às condições de higiene também são listadas no Livro de Regras (IBJJF, 2018): unhas dos pés e das mãos devem estar cortadas e curtas, cabelos longos devem ser presos para não incomodar o outro competidor e o atleta deve utilizar calçados até a beira da área de luta.

O tempo de luta fica determinado pela categoria de idade e faixa do atleta, conforme Tabela 3. Com isso, fica estabelecido as divisões das categorias por: Faixa, Idade e Peso.

Tabela 3 – Tabela de Tempos de luta por Categoria

CATEGORIA	FAIXA-ETÁRIA	TEMPO REGULAMENTAR DE LUTA
PRÉ-MIRIM I	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 4	02 minutos
PRÉ-MIRIM II	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 5	02 minutos
PRÉ-MIRIM III	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 6	02 minutos
MIRIM I	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 7	03 minutos
MIRIM II	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 8	03 minutos
MIRIM III	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 9	03 minutos
INFANTIL I	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 10	04 minutos
INFANTIL II	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 11	04 minutos
INFANTIL III	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 12	04 minutos
INFANTO-JUVENIL I	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 13	04 minutos
INFANTO-JUVENIL II	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 14	04 minutos
INFANTO-JUVENIL III	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 15	04 minutos
JUVENIL I	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 16	05 minutos
JUVENIL II	(Ano atual) - (ano de nascimento) = 17	05 minutos
ADULTO	(Ano atual) - (ano de nascimento) ≥ 18	05 minutos - Branca
		06 minutos - Azul
		07 minutos - Roxa
		08 minutos - Marrom
		10 minutos - Preta
MASTER 1	(Ano atual) - (ano de nascimento) ≥ 30	05 minutos - Branca / Azul
		06 minutos - Roxa / Marrom / Preta
MASTER 2	(Ano atual) - (ano de nascimento) ≥ 36	05 minutos
MASTER 3	(Ano atual) - (ano de nascimento) ≥ 41	05 minutos
MASTER 4	(Ano atual) - (ano de nascimento) ≥ 46	05 minutos
MASTER 5	(Ano atual) - (ano de nascimento) ≥ 51	05 minutos
MASTER 6	(Ano atual) - (ano de nascimento) ≥ 56	05 minutos
MASTER 7	(Ano atual) - (ano de nascimento) ≥ 61	05 minutos

Fonte: IBJJF, 2018.

2.1.2 Campeonato Brasileiro CBJJ

O Campeonato Brasileiro de Jiu-Jitsu é a competição nacional de maior importância e reconhecimento que vem sendo realizado e organizada pela CBJJ anualmente desde 1996, atraindo milhares de atletas de todas as faixas, idades e regiões.

Para participar, o atleta deve estar registrado junto à CBJJ e sua academia deve estar regularmente registrada e filiada à Confederação.

Para os atletas da categoria adulto faixa preta, masculino ou feminino, é exigido ter, no mínimo, 20 pontos adquiridos em competições prévias do mesmo ano do Campeonato Brasileiro, no ranking da CBJJ e IBJJF para que possam se inscrever na competição. Nas competições da CBJJ e IBJJF os pontos atribuídos às três primeiras classificações são os seguintes: Campeão (9 pontos), Vice-campeão (3 pontos) e Terceiro lugar (1 ponto).

2.1.3 Campeonato Mundial de Jiu-Jitsu IBJJF

O Campeonato Mundial de Jiu-Jitsu é o evento de maior credibilidade entre os lutadores na atualidade e, portanto, o mais disputado, realizado anualmente desde 1996, atraindo os maiores nomes do esporte para o evento, segundo a revista GracieMag, (2016), cerca de 3 mil atletas de mais de 50 países. Desde o ano de 2007, o campeonato começou a ser realizado na Califórnia, nos Estados Unidos da América (CBJJ, 2019). O Campeão Absoluto (categoria que fica aberta a todos os pesos da mesma faixa, sendo oferecido somente para categoria adulto) deste campeonato é visto como o maior lutador de Jiu-Jitsu da atualidade.

O Campeonato é aberto a todos os atletas que estejam registrados e que a academia esteja regularmente filiada à CBJJ e ao IBJJF. Somente para categoria adulto faixa-preta, os atletas que desejam se inscrever devem ter no mínimo 80 pontos, adquiridos em competições prévias do mesmo ano do Campeonato Mundial, no ranking da CBJJ e IBJJF, para que estejam aptos a se inscrever na competição.

2.2 ADAPTAÇÃO CULTURAL

Para iniciar a abordagem e entender os níveis de adaptação cultural de um expatriado foi considerado os estudos onde demonstram análises da adaptação de um indivíduo em um país estrangeiro, assim como a Teoria da Curva U (TCU). Através da leitura da revisão da literatura realizada por Black e Mendehall (1990), nota-se que desde muitos anos a TCU é a teoria mais

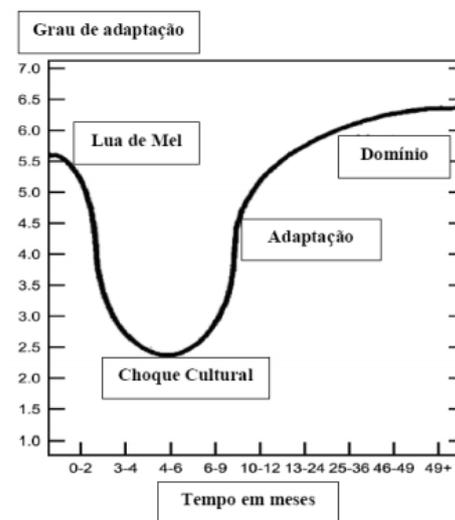
utilizada para realizar algum estudo de adaptação cultural e a adaptação de indivíduos trabalhando ou vivendo em uma cultura estrangeira.

Segundo Black e Mendenhall, a Curva U é descrita por quatro estágios (veja Figura 5). Em sua fase inicial tem o “estágio da lua de mel”, onde o indivíduo está fascinado com tudo que há de inusitado na nova cultura, essa nova paixão cultural é seguida de uma fase de desilusão e frustração, que é a fase do choque cultural, onde o indivíduo tem que lidar com a vivência do seu dia a dia nessa nova cultura. Na terceira fase vem a adaptação, caracterizada pela adaptação gradativa e o aprendizado de como se comportar de acordo com as práticas desse país anfitrião, levando então à quarta fase, a do domínio, caracterizado pelos aumentos no nível da habilidade do indivíduo de “funcionar” de uma forma mais eficaz na nova cultura.

Black e Mendenhall (1990) creditam o início dos trabalhos de estudo empírico da TCU a Lysgaard (1955), o qual em seu trabalho de estudo comparou três grupos de estudantes noruegueses, de idade entre mais novos que 20 anos e mais velhos que 60 anos, chegando a uma idade média de 30 anos que somavam um total de 200 beneficiados com uma bolsa pelo Programa Fulbright para ir ao EUA. O autor conta que o grupo que permaneceu no programa entre seis e dezoito meses, reportaram uma adaptação inferior comparado ao grupo que ficou menos de seis meses e ao grupo que permaneceu por um período superior a dezoito meses, ficando claro as fases demonstrada no gráfico da teoria da Curva U, conforme Figura 5, onde os indivíduos que estiveram no país por menos tempo e os que estiveram por mais tempo se mostraram em sua melhor fase de adaptação, ao contrário dos que se encontravam na fase do choque cultural. No entanto, o autor nos conta que Lysgaard (1955) não demonstra nenhuma explicação teórica e nenhum teste estatístico que demonstre alguma diferença entre os grupos.

Black e Mendehall (1990), autores desta revisão literária da TCU, contam que, após ao estudo de Lysgaard (1955), foram realizados outros estudos de relevância que comprovam a existência do padrão demonstrado pela TCU, porém apontam a teoria mais como uma descrição das fases de adaptação do que uma estrutura teórica de como ou porque os indivíduos devem se portar de um estágio para o outro.

Figura 5 – Gráfico de Curva U



Fonte: BLACK; MENDENHALL, 1990.

Em um outro estudo, sobre Aculturação em Esporte de Elite, realizado pelos autores (SCHINKE et al. 2013) foram pesquisados problemas chaves em relação a aculturação de atletas imigrantes no Canadá de diversos esportes de elite e foram identificados dois temas centrais: navegando em duas visões de mundo, no qual os atletas navegam entre normas culturais de seu país de origem e do seu país anfitrião, e cargas de aculturação, o qual se refere a troca de aculturação entre o imigrante e os moradores locais e como são gerenciadas essas cargas. Este processo acaba sendo muito complexo tanto para o atleta imigrante, quanto para seus companheiros de treino, e pode tornar a aculturação adaptativa ou desadaptativa, dependendo se as cargas de aculturação são compartilhadas em uma ou duas vias (SCHINKE et al. 2013)

Como resultado do estudo supracitado, pode-se identificar algumas possíveis frustrações percebidas pelos atletas imigrantes, como limitações financeiras, comparados aos colegas de equipe do país anfitrião.

Para este estudo foram recrutados treze atletas de elite imigrantes que se encontravam no país anfitrião entre 1 a 9 anos, sendo 10 homens e 3 mulheres, com idade entre 16 a 32 anos, sendo dois da Colômbia e os demais do Brasil, Bulgária, Camarões, República Checa, Egito, Hungria, Rússia, Eslováquia, Suécia, Turquia e Ucrânia. Entre os atletas havia quatro jogadores de *hockey* no gelo, três nadadores, três boxeadores, dois nadadores de nado sincronizado e um jogador de basquete, todos afiliados ao mesmo centro de esporte nacional, onde treinavam; todos falavam um pouco de inglês. Para serem considerados atletas de elite, tinham de competir, no mínimo, em nível nacional.

Um estudo realizado anteriormente por SCHINKE (2011) demonstra que, entre os desafios enfrentados por atletas imigrantes, se pode destacar a solidão, pelo fato de o atleta se encontrar distante da família e amigos, alguns ainda conseguem aceitar ou pelo menos tolerar com o tempo. Os autores apontam ferramentas que auxiliam a aceitação desse desafio de estar sozinho, aplicativos como *Skype* e *Facebook* possibilitam o “encolhimento” da distância enfrentada por atletas que se encontram em outros países. Outro ponto analisado neste estudo como um desafio é o desconhecimento da comunidade de destino, como: conexão social mínima, acesso limitado a uma dieta familiar e conhecimento básico para poder comprar o que se precisa.

O tema de aculturação de um indivíduo abrange diversas complexidades, como práticas religiosas, estilo de vestimenta, outros idiomas e diferentes conceitos em relação a tempo e espaço e essas complexidades aumentam quando se estuda atletas, pois o indivíduo pode se deparar com um estilo de treino diferente com o qual está acostumado, assim como a sua relação com os atletas e treinadores do país de destino (SCHINKE; MCGANNON, 2014).

Como mencionado anteriormente, a aculturação pode ser adaptativa ou desadaptativa, dependendo se as cargas de aculturação são compartilhadas em uma ou duas vias (SCHINKE et al. 2013), da mesma forma que um indivíduo pode ser orientado em relação aos processos de aculturação, através de entendimento e encorajamento dos anfitriões, este indivíduo pode ser impedido de experimentar uma aculturação positiva pela falta de esforço da outra parte. Levando em consideração este processo de aculturação, a reponsabilidade e atitude do atleta na aculturação, sozinhas, não definem o resultado, pois este é adquirido através da colaboração de ambas as partes, do anfitrião e o atleta estrangeiro. Quando um atleta ou treinador do país anfitrião, ao invés de incentivar o estrangeiro a se comunicar, faz alguma brincadeira com relação ao estrangeiro não conseguir falar o idioma ou não conseguir se fazer entender, este atleta possivelmente começará a ficar em silêncio, evitar interações com outros atletas e se isolar socialmente. Por esse motivo, não se pode afirmar que a aculturação está sendo positiva somente levando em consideração o fato de o atleta estar concordando e não reclamando das situações que ele enfrenta de desconforto, ele pode estar se omitindo pelo fato de temer não ser aceito pelos anfitriões ou até mesmo ser penalizado (SCHINKE; MCGANNON, 2014).

Existem cinco “caminhos” para a adaptação cultural, são eles: entendimento, pertencimento, confiança, controle e auto aperfeiçoamento, a ordem vai depender de cada atleta, mas com certeza esses caminhos, se aplicados, facilitam muito a adaptação cultural do indivíduo (SCHINKE et al. 2013).

Schinke e McGannon (2014), em seu estudo sobre experiências de aculturação com atletas de elite em 2014, concluem que pouco se sabe sobre como trabalhar e lidar com atletas

imigrantes enquanto sua adaptação. Para contribuir que a aculturação seja positiva, os autores falam sobre utilizar de estratégias inclusivas, com o intuito de abrir espaço para diálogos, se fazer entender por todas as partes que aculturação é extremamente complexo e por isso discussões são necessárias para se ter um melhor entendimento de como a aculturação está sendo trabalhada.

Em uma tese de doutorado, realizado por Wilson (2013), a pesquisadora examinou um aspecto comportamental específico da competência cultural, conhecida como adaptação sociocultural. Realizou, primeiramente, uma revisão dos correlatos ou antecedentes dessa adaptação e os resultados obtidos mostram a importância das diferenças individuais, caracterizando a personalidade e a motivação em relação às dificuldades de adaptação. No segundo momento do estudo se examinou a operacionalização do comportamento dessa adaptação através de uma medida já existente sobre adaptação sociocultural, a SCAS (Escala de Adaptação Sociocultural) e foram investigados cinco ajustes de domínios: ecológico, interpessoal, interesses pessoais e envolvimento com a comunidade, idioma e ajuste profissional ao trabalho. Na última etapa do estudo se procurou consolidar a estrutura fatorial do SCAS e foram explorados os efeitos da motivação de migração e discriminação percebida, foram encontradas ligações diretas entre a motivação da migração e os resultados psicológicos positivos, a competência comportamental e a discriminação tiveram efeitos mediadores significativos na relação entre essas duas variáveis.

3 MÉTODO

Estudo exploratório conduzido a partir de um questionário qualitativo, aplicado em forma de entrevistas individuais, com um grupo de seis atletas de Jiu-Jitsu, brasileiros, da cidade de Caxias do Sul (Rio Grande do Sul) com idade entre 16 e 36 anos, na data do campeonato, representantes da academia JA Jiu-Jitsu, todos afiliados a mesma Federação que organiza e padroniza o esporte no Brasil e no mundo (IBJJF), que tenham competido no Campeonato Mundial de Jiu-Jitsu que ocorre anualmente na Califórnia (EUA), para se enquadrar no objetivo de estudo. A fim de identificar as dificuldades enfrentadas na adaptação desses atletas, serão utilizados métodos de análise de adaptação propostos em estudos por diferentes autores. Com base nesses estudos foi elaborado um questionário que será dividido nas seguintes etapas: percepção de adaptação do atleta antes da viagem, durante a viagem e pós viagem.

Para identificar as fases de adaptação, assim como as dificuldades enfrentadas em seus respectivos períodos, a fim de conseguir essa ligação entre a fase da adaptação com o tempo em que ela é percebida, será utilizado como referência para a criação das perguntas e do modelo de questionário a ser usado nas entrevistas, o questionário aplicado no estudo para Tese de Doutorado de Wilson (2013), para modelo completo do questionário veja Apêndice A.

Schinke, McGannon, Battochio e Wells, em estudo sobre Aculturação em esporte de elite realizado em 2013, em que entrevistaram atletas de diversos países que se encontravam no Canadá, realizaram um questionário aos atletas imigrantes conseguindo identificar as diferentes visões de mundo pelos atletas e a troca das cargas de aculturação entre os atletas e os anfitriões, para entender a experiência percebida pelos atletas pós viagem, foi feita a partir das seguintes perguntas:

- 1) O que mais lhe marcou durante sua estada na Califórnia?
- 2) Como foram as suas experiências quanto à adaptação na Califórnia? Quais principais dificuldades encontradas?

Levando em consideração outro estudo realizado por Schinke; McGannon (2014), para identificar se houve troca de aculturação em duas vias, por parte do atleta imigrante e do anfitrião, foram elaboradas as duas questões apresentadas a seguir:

- 1) Como você se sentiu logo que retornou ao Brasil? E agora passado seis meses?
- 2) Você se considera uma pessoa mais apta a interagir e conviver com pessoas de culturas diferentes depois da experiência na Califórnia? Por quê?

3.1 Participantes

Amostra por conveniência foi utilizada para selecionar 6 atletas de jiu jitsu, entre alunos e professores da academia JA Jiu Jitsu localizada na cidade de Caxias do Sul no Rio Grande do Sul, todos afiliados a confederação que regulamenta e padroniza o esporte no Brasil e no Mundo, a CBJJ e IBJJF, sendo um faixa preta de 33 anos (atleta A), um faixa marrom de 24 anos (atleta B), um faixa roxa de 27 anos (atleta C) e três faixas azuis, um com 25 anos (atleta D), um com 21 anos (atleta E) e um com 16 anos (atleta F), os atletas A, B, C e D residem na cidade de Caxias do Sul, já os atletas E e F residem em Veranópolis que fica a 90 km de Caxias.

Os atletas A, C e D permaneceram por 14 dias na Califórnia, já os atletas B, E e F permaneceram por 7 dias, todos com experiência de competições em nível Nacional.

3.2 Coleta de dados

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas em profundidade apoiadas por um questionário semiestruturado preparado com base em estudos de adaptação cultural abordados anteriormente neste estudo, sendo essas entrevistas realizadas presencial e individualmente, tendo em média uma duração de 15 minutos, foi utilizado um gravador para garantir uma coleta de 100% dos dados informados na entrevista.

Todas as entrevistas foram concluídas entre 19 de setembro à 5 de outubro de 2019.

3.3 Análise de dados

Foi utilizado o método de análise temática proposto por Braun e Clarke (2006) para conduzir uma análise interpretativa de dados qualitativos, com o objetivo de identificar, analisar e perceber padrões entre esses dados coletados, este método é realizado em seis etapas.

A primeira etapa, de familiarização, conforme proposto no estudo de Braun e Clarke (2006) foi transcrito todo o áudio das entrevistas para poder ter uma familiaridade com todo o conteúdo e realizar uma leitura completa dos dados coletados em cima do questionário, logo após foi feita uma releitura do transcrito para absorver e ter uma melhor visão sobre os dados.

Na seguinte etapa, de geração inicial de dados foi feita uma compilação das entrevistas dos 6 atletas para um único documento permitindo uma visão geral dos comportamentos dos diferentes competidores nos mesmos contextos a partir da qual se notou uma grande similaridade entre os comportamentos e percepções nas fases da adaptação, executando uma extração de dados relevantes podendo assim fazer um esqueleto alinhado com o objetivo do estudo, agrupando os dados extraídos dentro de cada etapa da entrevista.

Na terceira etapa, de procura por temas, foram analisadas as etapas abordadas no questionário para se ter uma visão do potencial de análise dessa coleta, estes temas foram analisados e revistos buscando o aperfeiçoamento na seguinte etapa, de revisão dos temas.

Na etapa seguinte, de definição dos nomes dos temas, buscou-se entender que os temas abrangiam as três fases, com relação ao período a ser analisado nas entrevistas.

Ao final, na produção do relatório, os temas foram dispostos e ordenados de forma a dar sentido e fluidez entre os períodos analisados, comparando os padrões e diversidade levantado entre os atletas.

4 RESULTADOS

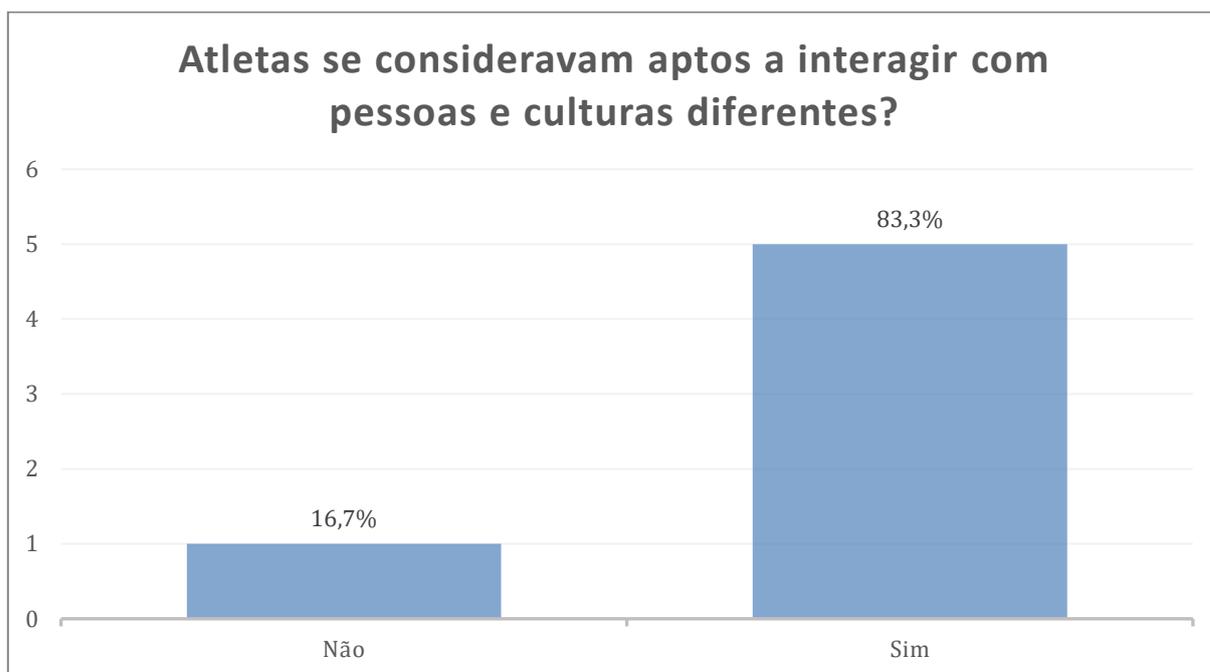
Os resultados serão apresentados em três temas temporais, representando as três fases analisadas, antes, durante e depois da viagem.

- 1) Habilidades comportamentais e fatores motivacionais percebidos antes da viagem;
- 2) Fatores que mais impactaram ou não durante a adaptação na Califórnia;
- 3) Principais experiências, dificuldades e habilidade comportamental percebida após retornar ao Brasil;

Antes da viagem: Habilidades comportamentais e fatores motivacionais percebidos antes da viagem;

O gráfico na Figura 6 mostra que cinco dos seis atletas entrevistados se consideravam apto, antes da viagem, a interagir com pessoas de outras culturas.

Figura 6 – Atletas aptos a interagir com culturas diferentes



Na Tabela 4, se tem a média entre os atletas entrevistados para cada habilidade comportamental analisada com o objetivo de apontar as habilidades de menor e maior nível declarada pelos atletas, identificando o padrão do perfil deles.

Tabela 4: Média dos valores de habilidade comportamental

	A	B	C	D	E	F	Média
Compreensão e fala do inglês.	2	2	4	1	5	1	2,5
Ler e escrever inglês.	5	1	7	1	7	1	3,7
Adaptação ao nível de ruído no meu bairro.	1	9	9	5	1	1	4,3
Interagir em eventos sociais.	2	4	7	10	6	5	5,7
Obter <i>feedback</i> de outros para melhorar desempenho.	8	3	7	9	8	1	6,0
Construir e manter relacionamentos.	10	5	7	10	8	7	7,8
Gerenciar responsabilidades.	7	8	9	10	6	7	7,8
Alterar comportamento para se adequar às normas e costumes locais.	10	8	9	10	8	3	8,0

Entre as habilidades comportamentais analisadas, a fala, compreensão, ler e escrever o idioma americano fica com a menor média, 2,5 em uma escala de 1 a 10 sendo 1 menor concordância e 10 maior concordância, Wilson (2013) em seu estudo sobre adaptação sociocultural, afirma que o domínio do idioma é necessário para entender e aprender novos comportamentos culturais, já a maior média, de 8,0, fica com a habilidade de alterar o comportamento para se adequar às normas e costumes locais, Wilson (2013) diz que a capacidade de adaptação comportamental de um indivíduo permite uma adaptação cultural efetiva.

Na Tabela, 5 foi analisado diversos motivos que poderiam ou não ter algum impacto na decisão, dos atletas entrevistados, de ir competir nos Estados Unidos. Média entre todos os atletas em uma escala de 1 a 10 sendo 1 menor concordância e 10 maior concordância.

Tabela 5: Média dos valores dos fatores motivacionais

	A	B	C	D	E	F	Média
Estava muito interessado em fazer isso	10	10	9	10	9	10	9,7
Era um dos meus objetivos de vida.	10	10	10	10	5	9	9,0
Por ter grande valor pessoal para mim.	10	10	10	10	4	10	9,0
Parecia-me divertido e interessante.	10	10	10	5	9	8	8,7
Por ser algo de prestígio	10	10	8	10	4	10	8,7
Era isso que esperavam que eu fizesse.	1	1	1	1	9	8	3,5
Para evitar a culpa de não fazer isso.	1	1	1	10	1	6	3,3
Obter respeito e reconhecimento de outras pessoas por fazer isso.	1	2	8	1	4	1	2,8
Outros (família e amigos) estavam me pressionando para fazer isso.	1	1	1	1	1	5	1,7
Senão seria criticado se não fosse.	1	2	1	1	1	1	1,2

Com base no estudo de Wilson (2013) fatores afetivos tem uma associação mais forte com os indicadores psicológicos de satisfação com a vida e depressão, e provocam respostas mais emotivas relacionados a sentimento de culpa, orgulho e valores pessoais.

Todos os atletas entrevistados, declararam não ter nenhuma influência de terceiro em sua decisão de ir competir fora, mas sim por estarem interessados, ser um objetivo de vida, haver um grande valor pessoal, ser divertido, interessante e por ser algo de prestígio.

Durante a viagem: Fatores que mais impactaram ou não durante a adaptação na Califórnia. Média entre todos os atletas em uma escala de 1 a 10 sendo 1 menor concordância e 10 maior concordância.

Tabela 6: Média dos valores de maus tratos percebido pelos atletas

	A	B	C	D	E	F	Média
Esforço para entendimento de sua pronúncia	10	10	10	1	9	10	8,3
Incentivo a se comunicar no idioma local	10	10	7	10	7	4	8
Bloqueio quanto a troca de conhecimentos	1	1	4	1	3	2	2
Alguma falta de respeito.	1	1	1	1	1	1	1
Se sentiu discriminado?	1	1	1	1	1	1	1
As pessoas agiam como se você não fosse inteligente?	1	1	1	1	1	1	1
As pessoas agiam como se fossem melhores que você?	1	1	1	1	1	1	1
As pessoas agiam como se tivessem medo de você?	1	1	1	1	1	1	1
As pessoas demonstravam pensar que você era desonesto?	1	1	1	1	1	1	1
Foi insultado ou ofendido?	1	1	1	1	1	1	1
Foi ameaçado ou assediado?	1	1	1	1	1	1	1

A discriminação percebida por um indivíduo depende da capacidade dele de identificar com precisão sinais discriminatórios, Wilson (2013). A Tabela 6 mostra que, unanimemente os atletas não perceberam ter sofrido nenhum tipo de discriminação ou mau trato por parte dos moradores locais, e sim perceberam um esforço para entendimento da sua pronúncia e incentivo para se comunicarem no idioma local.

Schinke (2013) em seu estudo de aculturação no esporte de elite, afirma que a aculturação pode ser adaptativa ou maladaptativa, dependendo se há ou não uma troca de conhecimento entre o atleta migrante e o anfitrião, o qual se nota que entre este grupo analisado, de atletas de jiu jitsu, foi totalmente adaptativo, pois houve um esforço por ambos os lados que está trocando essas cargas culturais.

Foi perguntado o que havia marcado cada atleta durante a estadia na Califórnia, todos relataram que tiveram apenas impactos positivos, os atletas A e B enfatizaram o respeito e a recepção dos locais, que tratam os competidores de jiu jitsu como celebridade, incentivo e assédio que não enfrentam aqui no Brasil. Outro fator, que foi relatado pelos atletas A, C, D e E foi quanto a infraestrutura urbana e social e o fato de os locais aparentam ter muito mais tempo disponível para lazer, se referindo a qualidade de vida percebida pelo atleta quanto aos moradores locais.

Depois da viagem: Principais experiências, dificuldades e habilidade comportamental percebida após retornar ao Brasil.

Houve apenas duas dificuldades reportada pelos atletas, o idioma e a alimentação. Conforme Wilson (2013), para uma melhor adaptação cultural se faz necessário o domínio do idioma local, cinco dos seis atletas reportaram o idioma entre as maiores barreiras, apenas um dos atletas que apesar de não ter a fluência no inglês, conseguia se comunicar no idioma espanhol, segundo o *US Census Bureau*, órgão responsável pelo censo americano, na Califórnia 15,2 milhões de pessoas são de origem hispânica, que falam espanhol, de um total de 39,5 milhões de pessoas que residem no estado, ou seja, 38% da população fala e entende espanhol. Resultado do não domínio do idioma, cinco dos seis atletas reportaram a dificuldade com a alimentação, pelo fato de não saberem onde encontrar comida saudável acessível, além de ser hábitos alimentares diferentes, o bloqueio no idioma dificulta até mesmo acesso a transporte, por exemplo, para ir até um local onde encontre outras opções de comida mais saudáveis.

Todos os atletas expressaram o choque ao chegar no Brasil ao se deparar com a falta de estrutura e acesso a recursos comparado com a Califórnia, como estradas ruins, material esportivo mais caro e a falta de estrutura esportiva.

A última pergunta do questionário foi com o intuito de entender se os atletas, após retornarem dessa experiência no exterior, se sentiam mais aptos a interagir e conviver com pessoas de culturas diferentes, 100% dos atletas disseram que sim, por terem vivenciado as dificuldades, já sabem como agir em outras oportunidades, como receber pessoas de culturas diferentes, pois gostariam de retribuir a atenção que tiveram por parte dos moradores locais e se sentem mais abertos para conhecerem e viver outras culturas.

5 CONCLUSÃO

Adaptação cultural é um processo complexo tanto para os atletas que vão competir no exterior quanto para os que participam de sua preparação, o presente trabalho buscou evidências através da perspectiva de atletas que viveram essa adaptação em uma competição de nível mundial, com o objetivo de identificar aspectos a serem trabalhados na preparação de futuros atletas para que eles tenham uma melhor adaptação cultural, e conseqüentemente, um melhor desempenho e aproveitamento dessa experiência.

Conforme proposto no estudo de (BATTOCHIO et al. 2013) foram realizadas entrevistas individuais para se ter um entendimento mais profundo sobre a visão e percepção de cada atleta, tal método pode ser utilizado sempre que um atleta retornar de uma competição no exterior para se coletar cada vez mais dados e evidências que ajudem nesse processo de preparação do atleta quanto a sua adaptação no país de destino, assim se constrói uma rica base de dados que deixa o treinador ou o profissional, que irá participar da preparação destes atletas, confiante em evitar cada vez mais que seus atletas tenham dificuldades em sua adaptação e tenham um melhor desempenho.

Entre as habilidades comportamentais analisadas pode se identificar que o idioma é a maior fraqueza a ser trabalhada pelos atletas, se destaca como a maior barreira comportamental, Wilson (2013) em sua tese de doutorado, afirma que o domínio do idioma é necessário para entender e aprender novos comportamentos culturais e se relaciona com uma melhor adaptação cultural, fator que impacta diretamente no desempenho do atleta, pois a dificuldade na comunicação do idioma inglês dos atletas entrevistados impactou tanto na troca de conhecimento com os locais quanto no acesso a uma alimentação saudável o que afeta diretamente a performance de um atleta de alto nível que em seu país de origem consegue conciliar uma alimentação saudável junto a preparação física para o seu melhor desempenho e rendimento.

Apesar da dificuldade de comunicação, no idioma local, os atletas declararam ter facilidade em alterar o comportamento para se adequar às normas e costumes locais, Wilson (2013) escreveu em seu estudo sobre adaptação sociocultural que a capacidade de adaptação comportamental de um indivíduo permite uma adaptação cultural efetiva, característica comum entre os atletas entrevistados e do perfil brasileiro em geral.

Essa barreira do idioma prejudica o atleta em ter acesso por exemplo a comidas saudáveis, necessário para sua preparação durante o campeonato, o que afeta diretamente sua performance durante a competição, sendo aí identificado o choque cultural.

Shinke e McGannon (2014), autores de diversos trabalhos relacionado a adaptação cultural, afirma que pouco se sabe sobre como trabalhar com atletas imigrantes em relação a sua adaptação cultural, os professores treinadores devem utilizar de estratégias de inclusão na preparação destes atletas através de convites para diálogos abertos, reconhecer que o processo de adaptação cultural é muito complexo e entender que discussões são necessárias para se entender como é essa adaptação em um ambiente de competição.

Através desses processos é possível entender as necessidades do atleta e prover uma preparação que amenize o impacto que a adaptação cultural pode ter em seu desempenho durante o campeonato, tal método pode ser aplicado para atletas e profissionais da área de outros esportes.

5.1 Limitações e sugestões de estudos futuros

O objetivo deste estudo foi conseguir entender o processo de adaptação cultural para poder preparar futuros treinadores e atletas, que mais cedo ou mais tarde vão lidar com este processo, como entender as necessidades e poder auxiliar na sua preparação.

Schinke (2013) diz que o processo de adaptação cultural pode ser adaptativa ou maladaptativa, dependendo se houver ou não uma troca de aculturação entre o atleta imigrante e o local, deve ser considerado as variações entre cada contexto, há aspectos de identidade únicos que enriquece esse conhecimento sobre a adaptação de cada indivíduo. Para se obter um profundo entendimento, atletas, treinadores e pesquisadores devem utilizar de pesquisas qualitativas para capturar as diversidades e complexidades que cada atleta. Virtudes como, comunicação, empatia, reconhecimento de diferenças individuais e uma vontade real de conhecer sobre a cultura do país de origem do atleta imigrante faz com que se construa uma relação de confiança, o que ajuda no processo de adaptação dos atletas, Schinke (2011).

Para este estudo os dados foram coletados apenas após o retorno dos atletas ao Brasil, o que pode acarretar em perda de informações, para se obter dados mais precisos e não correr risco de perder algum dado por ter passado algum tempo, recomenda-se fazer as entrevistas em duas etapas, antes do atleta ir viajar e após seu retorno, para assim obter um entendimento mais profundo e rico. As recomendações propostas neste estudo devem ser levadas em consideração para levantamentos de dados de futuros estudos para buscar cada vez mais uma base de dados rica com o fim de munir treinadores e atletas para uma preparação assertiva.

6 REFERÊNCIAS

- BATTOCHIO, Randy C.; SCHINKE, Robert J.; MCGANNON.; et al. **Understanding immigrated professional athletes' support networks during post-relocation adaptation through media data**. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11:1, 101-116, 2013.
- BLACK, J. S.; MENDENHALL, Mark. **The U-Curve adjustment hypothesis revisited: A review and theoretical framework**. *Journal of International Business Studies*. Londres, Reino Unido: Paulgrave Macmillan. 22 v. p. 225- 247, 1990.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Thematic analysis. **Apa Handbook Of Research Methods In Psychology, Vol 2: Research designs**, [s.l.], p.57-71, 2012. American Psychological Association. <http://dx.doi.org/10.1037/13620-004>.
- CBJJ. **Livro de Regras IBJJF**. 2018. Disponível em: <https://cbjj.com.br/wp-content/uploads/2019/05/IBJJF_Rules_Book_v5.1.1_pt-BR.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- CBJJ. **Sistema Geral de Graduação IBJJF**. 2015. Disponível em: <https://cbjj.com.br/wp-content/uploads/2016/11/20150424_GraduacaoIBJJF_PT_vs2.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- CBJJ. **Campeonato Brasileiro**. Disponível em: <<https://cbjj.com.br/noticias/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- CBJJ. **Campeonato Mundial de Jiu Jitsu**. Disponível em: <<https://cbjj.com.br/noticias/>>. Acesso em: 12 jun. 2019
- CORREIA, Walter R.; FRANCHINI, Emerson; **Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate**. Motriz. *Revista de Educação Física. Unesp*, [s.l.], v. 16, n. 1, p.1-9, 19 nov. 2009. UNESP - Universidade Estadual Paulista. <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n1p01>.
- EJJE, Haissem. **Gracie fala quem criou o Jiu Jitsu no Brasil**. Rio de Janeiro: Estilo Radical, 1972. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z_1NfVE2ibs>. Acesso em: 01 jun. 2019.
- GREEN, Thomas A.; SVINTH, Joseph R. **Martial Arts of the World: An Encyclopedia of History and Innovation**. California: Abc-clio, Llc, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=FaTfuuIlmqcC&oi=fnd&pg=PP2&dq=martial+arts+of+the+world&ots=8zRL2_s6-&sig=c8_akf1MbdF1m9vithAX8K_1ucM#v=onepage&q=martial%20arts%20of%20the%20world&f=false>. Acesso em: 25 maio 2019.
- LYSGAARD, S. **Adjustment in a foreign society: Norwegian Fulbright grantees visiting the United States**. *International Social Science Bulletin*, 7 v. p. 45-51, 1955.
- MAG, Gracie. **História do Jiu-Jitsu**. Disponível em: <<https://www.graciemag.com/historia-do-jiu-jitsu/>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

MAG, Gracie. **A História do Mundial de Jiu-Jitsu**. Disponível em: <<https://www.graciemag.com/2016/09/04/a-historia-do-mundial-de-jiu-jitsu-em-formato-digital/>>. Acesso em: 09 jun. 2016.

MAÇANEIRO, Gustavo Goulart Braga. **DO JUDÔ AO GRACIE JIU-JITSU: A INFLUÊNCIA DO JUDÔ KODOKAN NA IDEALIZAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO DO JIU-JITSU BRASILEIRO**. 2012. 66 f. Tese (Doutorado) - Curso de Bacharel em Educação Física, UFSC: Florianópolis, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103771/TCC%20-%20GUSTAVO%20GOULART%20BRAGA%20MA%C3%87ANEIRO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 de maio, 2019.

MILLEN, Alvaro Rego Neto; GARCIA, Roberto Alves; VOTRE, Sebastião Josué. **Artes marciais mistas: luta por afirmação e mercado da luta**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, v. 38, n. 4, p.407-413, dez. 2016. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328915000943?via%3Dihub>>. Acesso em: 25 maio 2019.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. **Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin**. Resenha de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>

SCHINKE, Robert J; YUKELSON, David; BARTOLACCI, Gina; et al. **The Challenges Encountered by Immigrated Elite Athletes**. Journal of Sport Psychology in Action, 2 v. p. 10-20, 2011.

SCHINKE, Robert J.; MCGANNON, Kerry R.; WELLS, Randy C. B.; et al. **Acculturation in elite sport: a thematic analysis of immigrant athletes and coaches**. Journal Of Sports Sciences, Ontario. v. 31. n. 15. p. 1676-1686. 2013.

SCHINKE, Robert J.; MCGANNON, Kerry R. **The acculturation experiences of (and with) immigrant athletes**. International Journal of Sport and Exercise Psychology, 12 v. p. 64-75, 2014.

VICENTINI, Lucas; MARQUES, Renato F. R.; **A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O JIU-JÍTSU: ANÁLISE DOS ARTIGOS, TESES E DISSERTAÇÕES PUBLICADOS ENTRE 1996 E 2016**. Movimento (esfid/ufrgs), [s.l.], v. 24, n. 4, p.1335-1352, 6 jan. 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.83697>.

WILSON, Jessie K. **Exploring the Past, Present, and Future of Cultural Competency Research: The Revision and Expansion of the Sociocultural Adaptation Construct**. 2013. 264 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado de Filosofia em Psicologia, Victoria University Of Wellington, Wllington, 2013.

As pessoas agiam como se tivessem medo de você?										
As pessoas demonstravam pensar que você era desonesto?										
Foi insultado ou ofendido?										
Foi ameaçado ou assediado?										

5) O que mais lhe marcou durante sua estada na Califórnia?

Terceira Fase: DEPOIS

6) Como foram as suas experiências quanto a sua adaptação na Califórnia? Quais principais dificuldades encontradas?

7) Como você se sentiu logo que retornou ao Brasil? E agora passado alguns meses?

8) Você se considera uma pessoa mais apta a interagir e conviver com pessoas de culturas diferentes depois da experiência na Califórnia? Por quê?

Nome: _____

Nome: Renato Marcondes _____

Data: ____/____/____

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Assinatura: _____

Entrevistado

Entrevistador